

Revista *Renovação*: um instrumento do feminismo sergipano na década de 1930¹

Tirzah Braga de Menezes²
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Em 1931, Sergipe assistiu ao surgimento da revista *Renovação*, periódico literário que, sob a liderança de Maria Ritta Soares de Andrade - advogada, jornalista e ativista feminista -, se destacou por ir além do perfil cultural ao adotar uma postura política clara. Publicada nos anos de 1931, 1932 e 1934, a revista se tornou um espaço de expressão feminina e de defesa das pautas feministas da época, com ênfase no direito ao voto e na ampliação do acesso das mulheres à educação. Conectando Sergipe às discussões nacionais, *Renovação* contribuiu para inserir o estado nos debates sobre igualdade de gênero e participação política das mulheres.

Palavras-chave

Feminismo; imprensa sergipana; Maria Ritta Soares de Andrade; revista *Renovação*

Introdução

A década de 1930 constituiu um momento decisivo para o desenvolvimento do movimento feminista no Brasil, marcado por avanços significativos na agenda de igualdade de gênero, como a conquista do direito ao voto feminino em 1932, fruto da mobilização de mulheres articuladas nacional e localmente. Influenciado pela chamada primeira onda feminista, cujo epicentro estava nos debates internacionais sobre cidadania, sufrágio e emancipação feminina, o cenário brasileiro passou a registrar uma intensificação da presença de mulheres na esfera pública, inclusive nos meios de comunicação impressos. A imprensa, nesse contexto, assumiu papel central na difusão de ideias reformistas e na construção de novos espaços de enunciação para as mulheres, especialmente aqueles voltados à discussão de seus direitos políticos, à valorização da educação e à inserção na vida pública.

Em Sergipe, esse processo encontrou expressão singular na criação da revista *Renovação*, veiculada nos anos de 1931, 1932 e 1934, sob a direção de Maria Ritta Soares de Andrade, bacharela em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, e figura

¹ Trabalho apresentado GP Gêneros Jornalísticos, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: tirzah.menezes@academico.ufs.br

emblemática do protagonismo feminino no estado. A direção de um periódico por uma mulher, naquele contexto, configurava um feito inédito e simbólico, sobretudo em um ambiente marcado pelo predomínio masculino nas esferas intelectual e política.

Lançada em 1º de janeiro de 1931, a primeira edição da *Renovação* apresentou-se como uma revista literária, conformando-se ao modelo editorial predominante no início do século XX. Contudo, sua proposta editorial extrapolava os limites do campo literário ao incluir, de maneira pioneira, discussões sobre política, educação, direitos civis e outras temáticas que tangenciavam o ideário feminista. A abertura para que mulheres assinassem textos de opinião sobre esses assuntos rompeu com o monopólio masculino da palavra pública e evidenciou uma estratégia deliberada de subversão dos papéis de gênero estabelecidos. Nesse sentido, a revista não apenas ofereceu um espaço para a expressão feminina, como também contribuiu para a formação de uma consciência crítica em torno das questões de gênero no estado.

Ao conectar Aracaju aos debates feministas em curso no país, *Renovação* aproximou o movimento local das redes de circulação de ideias que caracterizavam a elite letrada brasileira, conferindo visibilidade às demandas das mulheres sergipanas e ampliando os horizontes da luta feminista no Nordeste. Assim, a atuação de Maria Ritta e o projeto editorial da revista podem ser compreendidos como parte de um esforço mais amplo de reconfiguração dos papéis sociais atribuídos às mulheres, em consonância com as transformações políticas e culturais do Brasil da Era Vargas.

***Renovação*: um instrumento do feminismo sergipano na década de 1930**

A revista *Renovação* foi criada em Sergipe no ano de 1931. Editada pela também sergipana Maria Ritta Soares de Andrade foi classificada como uma revista literária, denominada no editorial da sua primeira edição. O periódico foi publicado nos anos de 1931, 1932 e 1934, totalizando 40 edições. Inicialmente, com edições quinzenais, e, posteriormente, com publicações mensais. Além disso, foi dividida em duas fases, a primeira até a edição 30 e a segunda a partir do número 31. As fases, explicadas neste trabalho posteriormente, apresentam mudanças representativas em sua linha editorial, tendo a primeira um viés político e combativo e a segunda mais voltada às questões referentes ao lar e aos chamados bons costumes.

Seguindo a linha editorial - de revista literária - semelhante a outros periódicos da primeira metade do século XX, abordava questões sociais, culturais, econômicas e políticas, sendo comparável a títulos como: *Revista de Sergipe* (1929), *Sergipe* (1936), *Sergipe Artífice* (1934). Além da abordagem dos mesmos temas, essas revistas apresentavam semelhanças editoriais, como colunas sociais, textos opinativos e ideológicos, além da publicação de produções literárias de escritores e escritoras locais.

Apesar de alinhada ao seu tempo histórico, a *Renovação* teve como diferencial o pioneirismo feminino, com a primeira mulher à frente de uma publicação em Sergipe, além de dar espaço para outras mulheres assinarem colunas opinativas e publicarem seus poemas e escritos ficcionais. Mesmo não sendo uma revista dedicada apenas à publicação de mulheres, já que homens também colaboraram com o periódico, a *Renovação* é pioneira no protagonismo feminino e na abordagem das pautas feministas na imprensa sergipana.

Esse pioneirismo deu-se, principalmente, pela autora e editora da revista, Maria Ritta Soares de Andrade. Para compreender a relevância dela no contexto da luta feminista e da ocupação feminina em espaços tradicionalmente masculinos, é fundamental traçar um panorama de sua trajetória pessoal e profissional. Sua vida foi marcada por conquistas pioneiras que desafiaram as normas sociais vigentes e abriram caminhos para outras mulheres em campos como a educação, o direito e a imprensa.

Natural de Aracaju (SE), filha de José Soares de Andrade e Filomena Soares de Andrade, Maria Ritta nasceu em 1904. Quando completou os estudos secundários no Atheneu Pedro II – atual Atheneu Sergipense –, mudou-se para Salvador, no ano de 1923, para cursar Direito na Faculdade de Direito da Bahia – atual Universidade Federal da Bahia. No mesmo ano em que iniciou o curso, Andrade solicitou o provisionamento para atuar na profissão e teve a sua solicitação atendida. “Enquanto estudante trabalhou com grandes nomes da advocacia baiana como, Ernesto Piva e Gerson Faria e em terras sergipanas trabalhou com os advogados Leonardo Leite e Oscar Prata” (Andrade; Menezes, 2008, p. 50). Maria Ritta graduou-se em 1926, aos 22 anos, sendo a única mulher da turma e a terceira a colar grau em advocacia no estado da Bahia.

Após se formar, retornou a Aracaju, onde trabalhou na Procuradoria-Geral de Sergipe, deu aulas de Literatura no Colégio Atheneu Pedro II e foi professora de Processo

Civil na Faculdade Técnica de Comércio. Ela pautou a vida na busca pela educação, sendo, também, um importante nome da área em Sergipe. Longe de ser filha de uma família com posses e renome em Sergipe, Maria Ritta utilizou-se da educação formal para sair da condição social que pertencia para uma mulher com graduação no curso de Direito, vindo a ser a primeira juíza federal do país em 1967.

Ao iniciar o projeto da *Renovação*, Andrade traz os ideais feministas, propagando a emancipação feminina através do estudo e do exercício intelectual. A produção jornalística da editora, em especial nos editoriais, comprova isso. Os textos *Apresentando* (edição 1); *A Revolução e o Feminismo* (edição 2); *O Voto Feminino* (edição 6); *Saias X Calças* (edição 9); *Feminismo e Coração* (edição 10); *O 2 Congresso Feminista* (edição 12); *Feminismo* (edição 23); *A mulher e a Constituinte* (edição 26), reforçam o que ela vai defender na publicação: reconhecimento dos direitos das mulheres, sejam eles políticos, educacionais ou emancipação financeira.

De acordo com a pesquisa de Andrade e Menezes (2008), nos 40 números da *Renovação*, foi possível identificar cinco mulheres que escreveram sobre feminismo na revista. Além da editora Maria Ritta Soares de Andrade com os textos já citados anteriormente, Maria Eugenia Celso com *O Surto Feminista, Apelo às Mulheres do Brasil*; Bertha Lutz com *Elevar o nível de instrução Feminina*; Amália Soares de Andrade com *Mais uma feminista justificada*; Lili Tosta com *A feminista não é nem quer ser masculinizada*. Todos esses textos foram publicados em 1931 e 1932, primeiro ano da revista (Andrade; Menezes, 2008).

Um outro recorte interessante é o número de mulheres que escreveram para a revista ou tiveram textos publicados na *Renovação*. Apesar de não falarem sobre feminismo, já que acabavam publicando poemas ou relatos da sociedade, por exemplo, a presença delas em um periódico assinando as suas obras já reforça a participação feminina na sociedade e na imprensa. Entre os principais nomes apresentados na publicação, temos: Maria Beatriz de Figueiredo Mesquita (1931), Seleneh M. C. Souza (1931 e 1932), Etelvina Amália Siqueira (1931), Violeta Andrade (1931), Ottilia Cardoso Barreto (1931), Maria Waldete Melo (1931), Graziela Cabral (1931, 1932 e 1934), entre outras (Andrade; Menezes, 2008).

A *Renovação* se configurou como espaço de participação feminina e de luta política no seu momento inicial e na maior parte da sua história. É por isso que é possível apontar que a primeira fase da revista é a fase marcada por textos políticos e presença forte de mulheres, sejam elas declaradamente feministas ou não. Ao publicar textos escritos por mulheres, Maria Ritta reforça a autoria desta construção feminista. Ocupar estes espaços, independentemente de falar ou não sobre feminismo, já era um ato feminista, um ato a favor do crescimento da mulher. Maria Ritta demonstrava que entendia o panorama no qual a revista nascia e tinha domínio do discurso que desejava fortalecer através dela.

Ao analisar os anos de publicação dos textos sobre feminismo e a presença feminina como produtoras de conteúdo na revista, observa-se que a maior parte dos textos foi publicada na primeira fase do periódico. No entanto, é importante destacar que as mulheres também continuaram a produzir na segunda fase, reforçando o espaço proporcionado às mulheres pela publicação, mediado por Maria Ritta, mesmo diante da mudança da linha editorial da revista.

Em seu estudo, Anamaria Freitas afirma que “em cada um dos números da Revista, a presença da colaboração feminina identificada, variava em média de 20% a 30%”. A autora ressalta ainda também que:

Muitas autoras se restringem a uma participação, e em geral em poemas. Entre as autoras de maior representação e o que puderam ser identificadas, figuram: profissionais liberais (advogada, cirurgiã-dentista, farmacêutica); poetisas e escritoras sergipanas consagradas; professoras e alunas da Escola Normal e outras escolas (Freitas, 2003, p. 173).

É importante lembrar que Sergipe é um estado onde as oligarquias estão extremamente presentes na década de 1930, mesmo com as mudanças políticas deste período no cenário nacional e local. Logo nos primeiros exemplares, a *Renovação* apresentou à sociedade sergipana Carmen Portinho e Bertha Lutz, deixando claro que o periódico era mais do que uma revista sergipana, mas um espaço para dar voz e visibilidade às mulheres que lutavam contra o sistema patriarcal da época.

Além dos textos políticos, a *Renovação* apresentava na primeira fase textos literários. Quando se falava de política, a temática feminista é a que ganha mais espaço. A editora Maria Ritta levantou a bandeira pró-voto feminino e pró-educação para as

mulheres. Diversos dos seus textos iniciais falam sobre isso, como é o caso do editorial da edição número 2. *A Revolução e o Feminismo* é uma declaração da editora e do periódico de que aquele espaço vai atender aos anseios da primeira onda feminista. É interessante como o texto é emblemático para o momento político pelo qual o Brasil passava.

“Dentre os muitos privilegios que o regimen decaido mantinha, affrontosamente, em opposição ao caracter democratico que o rotulava, o mais odioso e revoltante era o masculinista” (Andrade, 1931b, p. 1). Afirmar isso, logo no início do editorial, é uma maneira de ressaltar o tom do discurso e da mensagem que a autora e a publicação ensejam passar: o novo momento político advindo da Revolução de 1930 deve rever a posição da mulher na sociedade.

A partir desse início, Maria Ritta entrega aos leitores da *Renovação* uma reflexão importante sobre espaço público e poder, ao levantar a discussão sobre o direito ao voto para as mulheres, ficando explícito nesta passagem do editorial: “O mau veso de cercear todos os meios de acção à mulher na collaboração nos negocios publicos, de lhe proibir o votar e ser votada, isto é, o de excluir todo o elemento feminino, que representa mais de metade dos habitantes do Paiz” (Andrade, 1931b, p. 1). Nas palavras publicadas, a editora reforça a importância de se falar a respeito do tema e utiliza o texto como uma arma importante na luta contra a discriminação às mulheres.

Todo esse cunho político desaparece na segunda fase da publicação, quando a mulher sai das páginas da revista como ator político e passa para o lugar de esposa e mãe dedicada ao lar. Em material publicado por Andrade e Menezes (2008), é identificada a mudança na linha editorial a partir do texto de abertura publicado no segundo número da segunda fase e o número 32 da *Renovação*. “Renovação é a roseira do meu coração... Ressurge, hoje, verdejantes, florida, perfumada, no jardim deserto do meu castelo em ruínas...Ofertando rosas...No mais cálido Verão” (Andrade, 1934). O primeiro número da segunda fase, publicado em setembro de 1931, representando a edição 30, anuncia uma nova fase da revista. Entretanto, esta fase só se apresenta efetivamente a partir do número seguinte, o 32.

Ao comparar as páginas da *Renovação* nas duas fases, Andrade e Menezes (2008) demonstram a drástica mudança.

Renovação, que sempre defendeu a mulher como figura social, e não somente do lar, que sempre valorizou o envolvimento cultural e político do sexo feminino, promove concursos de culinária e boa esposa. Se na sua primeira fase promovia concurso de contos, troca radicalmente de público. Pode-se observar também que os primeiros anos da revista ocorrem num período de efervescência e transformação o que se torna após 1932 uma retomada conservadora (Andrade; Menezes, 2008, p. 65).

Não é possível afirmar o motivo pelo qual a revista deixou de ser editada entre 1932 e 1934, todavia, entende-se que as mudanças pelas quais a autora passou entre esses quase dois anos podem ter ocasionado essa lacuna e a posterior modificações editoriais da *Renovação*. Maria Ritta contava com o apoio de Augusto Maynard nas lutas que ela travava em Sergipe, foi assim como a disputa com Leandro Diniz, mas perde essa colaboração a partir de 1933. O envolvimento político da editora e as agendas pró-feminismo pelo país também podem ser possíveis causas, entretanto, não há indícios que comprovem essas possibilidades.

A efemeridade de revistas e jornais no final do século XIX e início do século XX, destacada por Buitoni (1981), não pode ser aplicada à *Renovação*. Com muitos anunciantes no início da sua história, a revista se mantém durante quase dois anos, com 30 edições. Retornou em 1934 com mais nove números. É importante destacar que essa constatação só pode ser feita através das pesquisas acadêmicas publicadas sobre a revista, afinal, para esta pesquisa em especial, foram analisados os 18 exemplares disponíveis no acervo da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea, e um exemplar do arquivo desta pesquisadora, que datam dos anos 1931 e 1932, totalizando 19. Completando o acervo, há também no arquivo desta pesquisadora um exemplar da segunda fase, o número 33. A falta de 20 números na atual pesquisa se dá pela quantidade de exemplares disponíveis nos acervos sergipanos e nacionais. Não foi possível, inclusive, debruçar-se sobre a totalidade dos textos publicados na *Renovação* que poderiam ser fundamentais para entender o feminismo existente em todos os exemplares da revista e as mudanças constatadas em outras pesquisas.

Maria Ritta e a defesa do feminismo na revista

A *Renovação* trouxe para a capital sergipana temas e questões discutidos nas principais capitais do país, criando uma conexão entre o movimento feminista organizado

e a sociedade letrada do menor estado da federação. O principal espaço para a defesa dos direitos da mulher na revista era o editorial, assinado por Maria Ritta, onde a autora apresentava questões da sociedade da época e defendia pautas como o direito à educação para as mulheres, direito ao voto, além de se apresentar como uma mulher intelectual que discutia temas políticos e sociais.

Em uma fala pioneira em Sergipe através da publicação, a editora chama a atenção para a sua luta e deixa claro que é o início do espaço que ela e as mulheres podem tomar. Através da revista, ela vai historiar o crescimento das mulheres no cenário social, destacando que não há espaço para continuar apagando quem também forma o país e, na época, representava mais da metade da população brasileira. De acordo com a defesa de Maria Ritta, é notória a capacidade que a mulher da época tinha de ocupar espaços de destaque. Para sustentar a argumentação, a autora constrói um discurso que se vale de fundamentos históricos e que é referenciado por importantes vozes do país a favor da equiparação entre homens e mulheres, como pode ser observado no trecho a seguir:

A campanha movida nestes ultimos dez annos por Bertha Lutz, uma celebração que se impõe, campanha que arregimentou, em seu torno, adeptas em todos os recantos do Paiz, é a maior demonstração de que o elemento feminino está em condições de collaborar na vida Nacional (Andrade, 1931b, p. 2).

A editora enfatiza como a mulher é invisibilizada por não votar. Voto é poder. Poder é voz e representatividade. Sem isso, a mulher está inserida num ciclo vicioso e viciado constatado na configuração social da época. Nesse contexto desenhado pela editora, há uma série de desvantagens para as mulheres: desde a impossibilidade de votar e se candidatar a cargos políticos, até a desvantagem nos concursos públicos, por serem julgadas por concorrer com homens e serem julgadas por homens. Maria Ritta exemplifica isso no trecho citado abaixo:

Si eila estudasse com afinco, si revelasse capacidade, si desprendesse todas as suas energias no trabalho, teria, quando muito, o direito de disputar um cargo em concurso, no qual, por maior que fosse a aptidão demonstrada, estaria sempre sujeita a ser dacrificada pela ginorancia ou perversidade de um despota qualquer que se não quizesse dar ao futurismo de ser feminista (Andrade, 1931b, p. 1).

Ao cobrar o fim do sexismo no país através das páginas da *Renovação*, Maria Ritta não tem uma visão utópica do momento histórico, muito pelo contrário, ela entende – e reforça o seu discurso — que, se há uma mudança política ocorrendo, é necessário apressar-se em cobrar de quem traz o novo que interprete essa luta como algo urgente e necessário.

As duas fases da *Renovação*

Entre janeiro de 1931 e maio de 1932, a revista era publicada de forma quinzenal. A partir dessa data, ela passou a ser mensal e seguiu essa periodicidade até o último exemplar publicado. Como defendido por Andrade e Menezes (2008), a revista apresenta duas fases, sendo a primeira em 1931 e 1932, e a segunda que tem um primeiro número publicado em setembro de 1932, porém, após um novo hiato, desta vez de três meses, começa efetivamente em janeiro de 1934. Nessas duas fases, há uma grande diferença no conteúdo publicado na *Renovação*. A primeira fase apresentava um conteúdo mais político, onde a editora encabeçou sua luta pelo feminismo. Já na segunda fase, o conteúdo foi mais voltado ao espaço ocupado pela grande maioria das mulheres da época: cuidados com a família e com o lar.

Assim, além da mudança, na periodicidade, acreditamos que o conteúdo abordado, assim como outros aspectos relevantes na história da revista como, periodicidade, diagramação, colaboradores e anunciantes, nos permitem arriscar uma divisão em apenas duas fases: a primeira do número 01 (1 de janeiro de 1931) a 30 (julho de 1932) e a segunda do 31 (setembro de 1932) ao 40 (setembro de 1934). A *Renovação* apresenta mudanças significativas para que possa ser fundamentada essa divisão (Andrade, Menezes; 2008. p. 55).

A última publicação da *Renovação*, antes de 1933, ocorreu em setembro de 1932. Foram exatos quinze meses sem a circulação do periódico. A partir desse retorno e no ano final da revista, o periódico não se propõe ao mesmo objetivo que visto anteriormente. De fontes tipográficas à diagramação, passando por fortes mudanças editoriais e de apoio publicitário, a *Renovação* parece apenas manter o nome e foge do seu histórico de luta e defesa das mulheres.

A mudança na revista é perceptível em todos os aspectos: da arte gráfica ao conteúdo. Se nos primeiros números ela trazia textos como *O Voto Feminino*, quando defende o direito de voto à mulher, participação

política, assim como a ocupação de cargos públicos pelas mulheres, ou seja, o direito à cidadania, nessa última fase passa a publicar seções direcionadas às donas de casa, como a seção *A Arte de Ser Mulher*, que aparece em seis dos nove números publicados (Andrade; Menezes. 2008, p. 56).

As mudanças editoriais entre as duas fases são bem explícitas. No primeiro momento, a editora traz uma revista embasada nos ideais feministas e, apesar do tema polêmico, a sociedade sergipana da época apoia o periódico. Isso é possível apontar por ter nas páginas os principais comerciantes locais patrocinando a revista.

Em seus exemplares era possível perceber muitos anúncios de importantes nomes do comércio local [...], como Fontes Irmãos & Cia, Casa Crystal, Casa Yankee, Lloyd Sul Americano-Seguros, Silva Ribeiro & C., entre outros. Nos primeiros números a publicidade é grande, como se pode perceber na edição 3, com nove páginas exclusivas de anúncios numa revista que tem em média 22 páginas, além de outros reclames que figuravam entre outros textos (Andrade; Menezes. 2008, p. 76).

Inclusive, a *Renovação* foge do costumeiro patrocínio da mídia por entes públicos, a exemplo do governo estadual, sendo prioritário o patrocínio da iniciativa privada.

A *Renovação* fugia dessa realidade, teve 40 números publicados sem uma participação constante e efetiva do governo, já que poucos anúncios foram feitos pelo Estado e instituições públicas, entre eles os principais foram: Banco do Brasil (08 participações) e Loteria do Estado de Sergipe (04 participações) (Andrade; Menezes. 2008. p. 76).

Esses anunciantes são indícios de como a sociedade sergipana da época recebe a revista. O nome da renomada advogada é o principal chamariz da publicação. Maria Ritta é referência na educação e começa a se tornar referência política no Estado. Se no campo de anunciantes a *Renovação* tem os principais empresários sergipanos nas páginas da revista, os colaboradores também são importantes figuras locais. Quinzenalmente, o presidente do Tribunal da Relação, atual Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, assinava crônicas na revista, que, no total, contou com mais de 300 colaboradores (Andrade; Menezes, 2008, p. 67).

Além das articulações entre os intelectuais e ilustres da época, Maria Ritta usou a imprensa para dar voz às mulheres e para mostrar a necessidade de ocupar espaços com legitimidade, defendendo a educação como um princípio emancipador.

Considerações finais

Em sua primeira fase, a revista *Renovação* desempenhou um papel estratégico na configuração de um discurso feminista situado, articulando referências da primeira onda internacional às especificidades do contexto sergipano. Mais do que um veículo de circulação de ideias, o periódico constituiu-se como instrumento de formação política e cultural para mulheres letradas, ao reivindicar seus lugares na esfera pública por meio da palavra escrita.

A liderança de Maria Ritta Soares de Andrade, nesse processo, revela não apenas a inserção de mulheres em espaços tradicionalmente masculinos, como também o esforço consciente de elaboração de uma memória coletiva feminista local. Através de suas páginas, *Renovação* promoveu a emergência de uma subjetividade política feminina em Sergipe, antecipando debates que seriam retomados por gerações posteriores de mulheres engajadas.

Nesse sentido, o estudo do periódico é importante para a ampliação do entendimento sobre as formas plurais e regionais de atuação feminista no Brasil, descentrando a narrativa historiográfica que muitas vezes privilegia apenas os grandes centros urbanos e oferecendo subsídios para a valorização da imprensa alternativa como espaço de resistência e mobilização política.

Referências

ANDRADE, Bruna Santos; MENEZES, Tirzah Braga. **Imprensa e feminismo em Sergipe: a revista *Renovação***. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2008.

ANDRADE, Maria Ritta Soares de. *A Revolução e o Feminismo*. **Renovação**, Aracaju, n. 2, p. 1, 1931b.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)
